

IMPLICAÇÕES DOS UNIVERSITÁRIOS NA ESCOLHA PROFISSIONAL: O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

IMPLICATIONS OF UNIVERSITY STUDENTS IN THE PROFESSIONAL CAREER CHOICE: THE ROLE OF HIGHER EDUCATION INSTITUTIONS

Driely Cristina Milani¹

Édna de Fátima Tizolin²

Gabrieli de Souza Silva³

Laís Fernanda Cardoso⁴

Natália Lucacin⁵

Roberta Barbosa⁶

Maria Adelaide Pessini⁷

MILANI, D. C.; TIZOLIN, É. DE. F.; SILVA, G. DE. S.; CARDOSO, L. F.; LUCACIN, N.; BARBOSA, R.; PESSINI, M. A. Implicações dos universitários na escolha profissional: o papel das instituições de ensino superior. **Akrópolis**, Umuarama, v. 30, n. 2, p. 117-138, jul./dez. 2022.

Recebido em: 19/09/2022

Aceito em: 17/10/2022

DOI: 10.25110/akropolis.v30i2.6808

Resumo: O artigo refere a uma revisão bibliográfica que utilizou vários autores compreendidos pela Orientação Profissional (OP) e Re-orientação Profissional (REO) a fim de compreender as questões que demandam a necessidade de um processo de reorientação profissional no contexto universitário, as contribuições do suporte institucional e do profissional de psicologia. Constitui de um estudo que visa discutir quais fatores estão relacionados à satisfação e insatisfação do universitário mediante ao curso escolhido e os motivos que fez optar pela transferência de curso. Estrutura-se através da explanação sobre o papel do profissional de psicologia dentro da instituição

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Paranaense (UNIPAR) - Campus Umuarama.

E-mail: drielycrimilani@gmail.com

² Graduanda em Psicologia pela Universidade Paranaense (UNIPAR) - Campus Umuarama.

E-mail: ednatizolin2013@hotmail.com

³ Graduanda em Psicologia pela Universidade Paranaense (UNIPAR) - Campus Umuarama.

E-mail: gabrielisouzasilva@hotmail.com

⁴ Graduanda em Psicologia pela Universidade Paranaense (UNIPAR) - Campus Umuarama.

E-mail: l.cardoso@edu.unipar.br

⁵ Graduanda em Psicologia pela Universidade Paranaense (UNIPAR) - Campus Umuarama.

E-mail: natty_lucacin_10@hotmail.com

⁶ Graduanda em Psicologia pela Universidade Paranaense (UNIPAR) - Campus Umuarama.

E-mail: robertabarboza-@hotmail.com

⁷ Graduanda em Psicologia pela Universidade Paranaense (UNIPAR) - Campus Umuarama.

E-mail: pessini@prof.unipar.br

onde possa acolher, escutar e levantar as intervenções necessárias para cada demanda específica, trabalho este em conjunção com a instituição. Busca uma reflexão sobre o processo de re-orientação profissional percebida pelo profissional da psicologia a fim de encaminhar e proporcionar ao universitário a melhor forma possível ao processo de reescolha profissional. Conclui-se que é fundamental às instituições de ensino superior se atentarem para a importância do apoio e o acolhimento aos seus alunos para estes saberem lidar com o impacto que a Universidade tem sobre seu desenvolvimento pessoal e emocional no que se refere a escolha da profissão, facilitando o desenvolvimento da identidade profissional. A Universidade deve servir de campo de realização pessoal dos universitários com a futura profissão, e para tal, além de auxiliar seus alunos na inserção do mercado de trabalho, devem manter os vínculos destes com a instituição.

Palavras-chave: Re-orientação profissional; Satisfação/insatisfação; Universitário; Identidade profissional; Realização pessoal.

Abstract: This article consists of a literature review which used several authors comprised by Professional Orientation (OP) and Professional Re-orientation (REO) in order to understand the issues that demand the need for a professional reorientation process in the university context, the contributions from institutional support and from psychology professionals. The aim is to discuss which factors are related to the satisfaction and dissatisfaction of the undergraduate in relation to the course of their choice and the reasons that made them choose a course transfer. It is structured through the explanation of the role of the psychologist within the institution where they can receive, listen and raise the necessary interventions for each specific demand, being this work in accordance with the institution. It seeks to reflect on the process of professional reorientation perceived by the psychologist in order to direct the undergraduate and provide them the best possible way of professional re-choice process. Finally, this review demonstrates that it is essential for higher education institutions to pay attention to the importance of support and welcome to their students so that they can deal with the impact that the University has on their personal and emotional development regarding the choice of profession, facilitating the development of professional identity. The University should work as a field for the personal fulfillment of undergraduates concerning their future profession, and for this, besides helping their students in the insertion in the labor market, they must maintain the students' ties with the institution.

Keywords: Professional re-orientation; Undergraduates; Satisfaction/dissatisfaction; Professional identity; Personal fulfillment.

INTRODUÇÃO

O presente artigo vem problematizando, os processos que envolvem a inserção na universidade e passando por uma revisão bibliográfica sobre a orientação profissional e as questões que implicam na necessidade de um processo de reorientação profissional, já durante a vida universitária e a contribuição de um suporte da instituição e do profissional de Psicologia. Destaca-se que os processos de orientação profissional que acontece ainda no ensino médio, possuem grandes diferenças da reorientação demandada já com o estudante inserido na vida universitária, sendo este último ainda não olhado com tanta

atenção por parte dos envolvidos, tendo assim uma baixa produção de literaturas da reorientação profissional no contexto universitário.

Entende-se que desde o início da escolha profissional, sendo geralmente na adolescência, já se dá diante de muitos conflitos e influências como família, amigos, condição econômica fatores que muitas vezes determinam a escolha profissional, atividade que será desenvolvida em um período da vida. Sendo importante ressaltar e tratar estas escolhas como adequadas para o momento, a partir do autoconhecimento e possibilidades dos estudantes, já que a ideia de uma escolha definitiva é geradora de mais conflitos, dificultando o processo de saída no ensino médio para universidade e depois da universidade para o mercado de trabalho.

Durante a revisão bibliográfica realizada para construção deste artigo, foi possível obter a compreensão de que é comum em alguns momentos durante a graduação, mesmo em casos em que se entende ter feito uma escolha acertada de forma consciente, surgir a demanda de uma reorientação profissional estando esta, relacionada a insegurança da escolha realizada. Essa demanda se dá por diversos fatores após o ingresso na universidade, como a falta de identificação com o curso, causando desmotivação, sendo que essas dificuldades e angústias podem ser muitas vezes entendidas como consequências de um processo anterior a inserção na universidade, de pouca consciência diante das possibilidades e por falta de informações, que resultam em equívocos sobre as características das profissões escolhidas.

A questão da identidade profissional que é desenvolvida ao longo das vivências desde a infância e que diante da necessidade de novas aberturas a características que podem exigir a profissão escolhida, também podem estar relacionada a este período de indecisão. Desta forma, o estudante na maioria dos casos passará durante a vida universitária por etapas que poderá acarretar em angústias e dúvidas, mas cada qual, terá uma relação de satisfação e insatisfação estando esta experiência vinculada a questões do contexto vivenciado no aspecto pessoal e também dentro da vida acadêmica. Estas questões de crise em relação à profissão escolhida tem ênfase novamente no período de conclusão da formação.

O apoio de profissionais capacitados como o do psicólogo, irá auxiliar para que estes estudantes universitários em uma reorientação profissional sejam acolhidos tendo uma escuta adequada e intervenções que contribuam para que o sujeito possa localizar-se profissionalmente em determinado momento. Este suporte profissional pode acontecer

dentro da própria instituição, sendo assim muito válido e positivo quando existe esse auxílio capacitado no próprio local.

Diante dos contextos abordados, compreendeu-se a importância que haja uma atenção das instituições de ensino universitário para os processos, de escolha profissional, de como se deram, e aconteceram, quais as contribuições da orientação profissional. E também estejam sensíveis para o surgimento de demandas de reorientação profissional e para todos os aspectos que influenciam na vida acadêmica, satisfação e insatisfação e comprometimento com a futura profissão, já que é dentro destes locais que estes conflitos surgem de forma evidenciada.

DESENVOLVIMENTO

Escolher uma profissão pode ser considerada uma atitude muito marcante para o indivíduo, visto que é uma escolha do que quer ser e também do que quer fazer por um certo período da vida ou até mesmo pela vida toda. Essa escolha traz uma responsabilidade muito grande para o sujeito, o que dificulta na decisão a ser tomada devido à variedade de profissões existentes e com os diversos cursos de nível técnico. Assim, definir uma profissão na qual se identifique acaba sendo um impasse (BASSO, 2008).

Quando falamos em escolhas precisamos estar cientes de que essa palavra vem acompanhada de outra palavra – mudança – toda escolha prevê algumas mudanças, e mudanças na maioria das vezes nunca são bem vindas, pois tiram as pessoas de suas zonas de conforto e as incita a tomar uma posição e uma decisão, e é basicamente isso que acontece com os jovens quando são colocados contra a parede para decidir qual profissão irão exercer para o resto de suas vidas. E quem disse que é isso que eu quero fazer pra sempre? (BADARGI; LASSANCE e PARADISO, 2003).

Krawulski et al. (2000), afirmam que é na adolescência que se constituem as primeiras dúvidas relativas à necessidade de escolha profissional, ou, a necessidade de ter certeza de uma profissão específica, esta é, geralmente, parte de um projeto familiar e não de uma escolha do jovem. A adolescência é envolvida por uma fase de crises, onde o adolescente está se desestruturando e reestruturando tanto seu mundo interior, como nas relações com o mundo exterior.

Essa fase de crises e confusões em relação a uma escolha profissional pode ser explicada pelo fato que o adolescente já não é mais uma criança e passa a ser cobrado como um adulto, onde a responsabilidade de decidir o seu futuro é imensa. Não é

permitido ao jovem à possibilidade de errar na sua escolha, de poder tentar de novo, re-escolher, isso torna a escolha uma tarefa cada vez mais árdua. É importante ressaltar também, que o adolescente tem que deixar várias coisas para trás, inclusive suas fantasias, dessa forma a adolescência está mais ligada ao que o jovem tem que se desfazer do que se integrar (KRAWULSKI et al., 2000).

De acordo com Brasil et al. (2012), o início da escolha profissional, na adolescência, é causada por muitos conflitos e também influências da família, amigos, condições econômicas e esses fatores muitas vezes determinam o contexto da escolha profissional, além de causar uma pressão por uma escolha certa, o que pode desencadear muitas angústias e conflitos no indivíduo. A partir disso, o mercado de trabalho sendo um contexto de extrema competitividade, necessita que o indivíduo esteja capacitado e apto para realizar as atividades. Com isso, é importante um posicionamento de clareza e responsabilidade através de um planejamento durante a primeira escolha profissional, bem como toda a carreira, a qual exige-se refletir e se reposicionar na trajetória profissional.

Além disso, é importante ressaltar que mesmo diante das transformações dos modos de vida, o trabalho permanece como um dos principais reguladores da organização da vida humana. Essas mudanças ocorrem cada vez mais em maior velocidade, tornando muito complexo a estruturação de uma carreira profissional, exigindo desde o momento da escolha uma outra postura, entendendo que antes a organização ditava muito sobre como seria a carreira, mas hoje o indivíduo possui uma maior autonomia. Hoje então o processo ocorre de forma contrária, o adolescente participa ativamente da orientação profissional, esta que busca o auxiliar para que através do autoconhecimento possa realizar uma escolha responsável e consciente (BRASIL et al., 2012).

A sociedade capitalista, sustentada pela teoria liberal, ao contrário do que aponta Ferreti (1998), responsabiliza o indivíduo por suas escolhas certas ou erradas e também por não alcançarem seu objetivo de desenvolvimento profissionalmente, conquistando status, retorno financeiro e reconhecimento social por meio da profissão. (COMIM, 2007, p. 3).

Nesse período de transição e escolhas, são vários os fatores que influenciam diretamente o processo de uma decisão. Os pais, o medo do desconhecido, julgamentos, etc., além disso, o processo de escolha supõe conhecimento de si mesmo. Não é fácil aos 17 ou 18 anos tomar uma decisão para a vida inteira, pois sabemos que nessa idade os

jovens passam por diversas mudanças e são extremamente pressionados pelos pais para tomarem uma decisão sobre o futuro (ZORZO; SILVA e POLENZ, 2002).

Fatores vocacionais, também são de grande relevância no processo de orientação profissional. Segundo Perussi (2000) a vocação estaria ligada a uma questão de cunho mais pessoal e subjetivo, estando assim relacionada ao que entendemos e esperamos de uma profissão satisfatória. Conforme Brasil et al. (2012), as crises vocacionais estão assim, muitas vezes conectadas ao desconhecimento das características da área de trabalho do curso escolhido e a falta de reflexão sobre atributos pessoais vinculados a escolha profissional.

Nesse sentido, a escolha e identificação por uma profissão pode originar-se da percepção e das vivências com os pais, independentemente se ela é positiva ou negativa, mas que pode interferir diretamente e gerar incertezas na preferência da profissão do indivíduo. “A experiência profissional e o desejo dos pais com relação à profissão do filho geram o medo de optar pela escolha dos pais, em virtude de status, de mercado de trabalho e por conhecer as funções deste profissional e depois perceber que não é isso que se quer fazer” (BASSO, 2008, p. 56).

Segundo Almeida e Pinho (2008), levando em consideração os fatores que influenciam o jovem a optar por algum curso, a atuação da família no processo de escolha profissional do adolescente é uma questão que transparece tanto no discurso do jovem como no discurso dos pais, é visivelmente perceptível que a família é o principal agente influenciador neste processo de escolha.

Tal atuação muitas vezes tem efeitos negativos frente ao desejo profissional do adolescente, pois acabam sentindo-se pressionados a optar por uma escolha profissional que não é do seu interesse apenas para agradar ou para não decepcionar os pais e a família, que depositaram tantos planos e sonhos para o futuro profissional deste jovem (ALMEIDA e PINHO, 2008).

É inegável a influência da família, seus desejos, anseios e medos na vida do adolescente. Mesmo antes de nascer, muitas vezes, já existe um projeto de vida traçado pela família para aquele bebê. Nesse sentido o papel ideal da família seria o de oferecer suporte às decisões, ajudando o jovem na resolução da crise que envolve sua escolha, dando autonomia para que o mesmo possa realizar sua escolha com satisfação (KRAWULSKI et al., 2000).

O papel ideal da família seria o de oferecer suporte às decisões, ajudando o jovem na resolução da crise que envolve a escolha. Infelizmente, na prática

esta postura muitas vezes deixa de ocorrer, não se levando em consideração o que a pessoa sente, gosta ou detesta, por ainda percebê-lo como criança, que não sabe o que quer, os pais querem decidir por ele, escolhendo sua profissão e estabelecendo o que é melhor na sua ótica, cuja intenção é das melhores. (SOARES; CASCAES et al., 2000, p. 81).

Devido a todo esse impasse gerado pela quase obrigação de uma escolha profissional, que “deve” ser cem por cento assertiva, podemos então analisar o importante papel que uma orientação profissional pode ter na vida de adolescentes ou de pessoas que se encontram nessa encruzilhada de caminhos prestes a ter que optar por apenas uma direção (grifo nosso).

O trabalho de orientação profissional é de encontrar a profissão certa, que constituirá a identidade profissional do adolescente na sociedade. Contudo, a decisão por uma profissão, que se enquadre na individualidade do adolescente, também esbarra nas limitações no mercado de trabalho. Em uma sociedade consumista e capitalista, muitas vezes o jovem se vê desamparado no processo de escolher o que quer ser, o que quer ter e conquistar e o que há de possibilidades no mercado de trabalho. Nesse âmbito, é essencial que o profissional de orientação profissional busque conciliar e harmonizar o que se gosta de fazer com o que dá para fazer, para que assim o jovem possa ter satisfação no trabalho e na vida, além de realização pessoal e profissional (KRAWULSKI et al., 2000).

O profissional que conduzirá o processo de orientação profissional precisa estar ciente de que se trata de um momento delicado na vida de um jovem, pois ele quer satisfazer o seu desejo mais sem magoar e contradizer a opinião dos pais, por isso o profissional precisa estar bem aparado teoricamente, para lidar com as situações adversas que possam vir a influenciar o processo de orientação (ALMEIDA e PINHO, 2008).

Assim, Comim (2007) afirma que, é fundamental que o papel desempenhado pelo orientador profissional seja no sentido de minimizar a ideia de que há somente uma escolha por parte dos participantes, existindo a compreensão que a profissão escolhida seria uma forma de estar no mundo, de acordo com os desejos e necessidades daquele momento sendo, portanto, permitido mudanças, já que nossas necessidades também podem sofrer alterações.

Visto que os pais são um dos maiores influenciadores para a tomada de decisão dos adolescentes, essas influências familiares podem ser trabalhadas de diversas maneiras durante o processo de orientação profissional, fazendo o jovem dar-se conta das questões que estão por traz de sua escolha. Quando o jovem reconhece essas influências, ele pode

utilizá-las, de forma consciente, ao estabelecer o seu projeto pessoal e profissional (ALMEIDA e PINHO, 2008, p. 174).

Aqui, um profissional que poderá conduzir o processo de orientação profissional precisa auxiliar este jovem a compreender que as influências recebidas pela família não possuem apenas um caráter negativo, e que tais influências podem vir a colaborar de forma positiva e construtiva na elaboração de um projeto de carreira sólido e seguro, conforme seus próprios desejos (ALMEIDA e PINHO, 2008).

Além disso, um aspecto importantíssimo a se trabalhar em orientação profissional é conduzir o adolescente a apropriar-se de um novo conhecimento, onde o mesmo possa ter uma identidade profissional que será construída ao longo da vida deste através de suas vivências e experiências com o meio social, e em suas relações interpessoais com colegas e professores no decorrer da graduação. (VALORE, 2008).

Quando falamos em ocupação profissional não estamos falando apenas em exercer tarefas e sim de apropriar-se de um novo conhecimento e assumir uma identidade profissional, um perfil com responsabilidades e deveres que precisarão ser cumpridos não apenas no futuro profissional e em sua rotina de trabalho, como também durante toda a formação, com a responsabilidade durante as aulas, estágios, etc. Desta forma, percebe-se que a identidade profissional constrói-se a partir de um interações sejam de formas familiares, sociais, a cultura e também com os aspectos subjetivos como desejos, motivações inconscientes, etc. (VALORE, 2008).

Ao contextualizar o que já foi exposto, nos deparamos com inúmeras opções ofertadas para o adolescente adentrar na vida acadêmica universitária, porém o mesmo passa a ser influenciado e sofrer pressões de todos os lados para fazer uma escolha assertiva e que dure a vida toda, com o peso de ser bem sucedido e de ter satisfação e realização profissional e pessoal. Neste momento, no qual envolvem muitas dúvidas e angústias, a orientação profissional pode ser útil para diminuir a tensão e auxiliar o adolescente a fazer sua escolha de forma leve e consciente para que ele possa, enfim, adentrar na esfera universitária (grifo nosso).

Um dos fatores mais relevantes que afeta os jovens que ingressam num ensino superior destacam-se: a saída de casa, as mudanças internas e a adaptação ao curso. O ingresso no ensino superior é uma transição que agrega aos jovens grandes repercussões em seu desenvolvimento intelectual e psicológico. Essa decisão para alguns jovens representa o início de sua autonomia, de sua independência um caminho em busca da carreira profissional, para outros só o fato de ingressar na faculdade é uma conquista, pois

representa a passagem da fase de adolescente para a vida adulta (TEIXEIRA e DIAS, 2008).

Continuando o exposto pelos autores acima, a experiência universitária não se resume apenas com a formação, principalmente se tratando do primeiro ano, embora muitos fantasiam esse momento, a realidade implica em uma série de mudanças em sua vida, envolve os laços familiares e sociais. Até o momento, a vida do jovem girou em torno da realidade plácida da escola, onde passava maior parte de seu tempo com as primeiras amizades construídas em sua vida social, neste período também, os jovens eram mais incentivados pelos professores e os pais que estavam sempre por perto cobrando bons desempenho dos filhos.

A realidade do mundo universitário é muito diferente conforme Teixeira e Dias (2008, p. 14) “os jovens se veem sozinhos na maioria do tempo, muitos precisam ficar longe das famílias e de seu mundo social, ou seja, aquilo que ele tinha como suas referências anteriores”. Agora a responsabilidade é maior, é dele que deve partir iniciativas, decisões que até então eram tomadas por outras pessoas, ele enfrenta na maior parte de seu tempo as dificuldades sozinho, é um novo contexto, onde precisa construir novos vínculos de amizade, adaptar-se e ao mesmo tempo superar a distância daqueles que são seu porto seguro. É neste momento que os jovens percebem a importância de ter boas relações com os familiares, pois é para eles que recorre nos momentos de aflição.

A percepção de apoio emocional por parte dos pais, a reciprocidade nas relações pais-filhos, o diálogo familiar sobre a vida na universidade e o apoio parental específico em questões relativas à transição parecem contribuir para a adaptação ao contexto do ensino superior. (TEIXEIRA e DIAS, 2008, p. 14).

Mediante os mesmos autores, a Universidade é um ambiente muito diferente do escolar, a responsabilidade antes era centrada na escola, agora é transportada para o estudante. Porém para os autores alguns estudantes veem esse movimento de outra forma, como a conquista de sua independência, a distância das figuras familiares traz a exigência de desenvolver uma consciência mais de cuidar de si, de ter maiores preocupações consigo mesmo. Neste sentido ingressar na faculdade não significa apenas levar de conhecimento para uma determinada profissão, mas, conhecimento que serão levados para a vida.

Entrar na universidade é uma experiência que implica mudanças no modo de comportar-se e de perceber a si mesmo, ganhando saliência a responsabilidade, as relações interpessoais e a autônima. As mudanças em responsabilidades são

percebidas em dois grandes âmbitos: profissional e o pessoal. (TEIXEIRA e DIAS, 2008, p. 14).

Deste modo, pensando agora em um sujeito que conseguiu realizar sua escolha e agora vive dentro da realidade universitária, Bardagi et al. (2006), classificaram a entrada e permanência do indivíduo na Universidade em quatro etapas. A primeira etapa caracteriza-se no entusiasmo pela vitória no vestibular, o ingresso na Universidade e a expectativa com o início da formação para o curso escolhido.

A segunda etapa tem como característica uma decepção com o curso, com os professores, com a instituição e com as condições de aprendizagem, o que faz o indivíduo ficar em dúvida se escolheu o curso certo ou não, gerando uma preocupação sobre uma nova escolha profissional. O desinteresse pelo curso, nessa etapa, pode se dar por diversos fatores e um deles é caracterizado pelos conteúdos estritamente teóricos, históricos e contextuais, o que diverge da expectativa das práticas e matérias específica do curso escolhido, que são encontradas na metade do curso em diante (BARDAGI et al., 2006).

A terceira etapa mostra um significativo aumento com a identificação do curso e consequentemente o interesse com a continuidade do mesmo, fase onde o engajamento em atividades acadêmicas é fundamental para a satisfação do comprometimento com o curso. A quarta e última etapa se caracteriza pela proximidade do término do curso, quando a qualidade das atividades exercidas e a avaliação da formação produzem expectativas quanto à atuação e realização profissional (BARDAGI et al., 2006).

O período universitário também é composto por dúvidas, incertezas, identificação ou não com o curso escolhido, e ao olharmos para as quatro etapas propostas por Bardagi et al. (2006), percebemos que se trata da grande maioria entrar em um curso, ter dúvidas, mas acabar se identificando com o mesmo e permanecer na opção de curso feita seguindo ela profissionalmente. Mas, e os sujeitos que não se identificaram com o curso escolhido? Aqui, passaremos a analisar com mais detalhes, o tema principal de nosso estudo, os sujeitos que não estavam satisfeitos com sua opção e passaram pela Reorientação Profissional.

O período universitário traz uma reativação das crises vocacionais, de confrontação com a realidade e a escolha profissional feita, é o momento que eles se vêem mais preocupados com o futuro, que surgem as angústias e os medos, o medo do futuro, do incerto, de não conseguir lidar com o que está por vir (BAGARGI; LASSANCE e PARADISO, 2003).

Apesar da escolha profissional ser individual o momento de decisão tem grandes influências da família, amigos, mídia e fatores econômicos, tudo isto por vezes passa despercebido, assim a escolha realizada sem a devida consciência e pela falta de planejamento de carreira, está como as principais causas de desistência ou troca de curso, a não motivação para concluir o curso e a insatisfação profissional. Todo este contexto de desmotivação falta de identificação com o curso escolhido traz muitas angústias que mais tarde resultam em falta de comprometimento com a profissão escolhida e até mesmo o abandono (BRASIL, 2012).

A construção da identidade profissional ocorre através das vivências sociais da criança, e também das relações do trabalho. Porém, essa idealização profissional pode acarretar algumas crises, pois o estudante precisará ceder de algumas identidades para engajar-se em outras, causando então um desequilíbrio interno e/ou externo, no qual só será aliviado quando o indivíduo se reconhecer na profissão (BASSO, 2008).

No decorrer dos anos, aliada à busca da identidade profissional, vem aumentando o número de alunos ingressando no ensino superior, mas em contrapartida, apesar de registrarem um alto número de ingressantes, também identificaram que o abandono ou trancamento do curso é um fenômeno em expansão no país. A evasão de curso costuma acontecer nos anos iniciais, normalmente nos primeiros três meses do curso (BARDAGI e HUTZ, 2009).

Conforme os autores supracitados, as causas desta evasão costumam ser as mais variadas. Estas vão desde descontentamento com horário das aulas, mau relacionamento entre professores e alunos, impossibilidade de estudar e trabalhar ao mesmo tempo, fragilidade das escolhas iniciais, a pouca atividade exploratória e a falta de informação sobre o curso e a profissão. A evasão escolar é consequência de múltiplos fatores, uma decisão, por muitas vezes, tomada por impulso, e sem vinculação com novas escolhas, por isso, a Universidade tem que se responsabilizar como um todo sobre a vida acadêmica de seus alunos, principalmente sobre a permanência e satisfação deles frente ao curso; precisam desenvolver estratégias que identifiquem com precocidade problemas acadêmicos, e possa oferecer de forma efetiva e preventiva subsídios para esses alunos, como também, criar espaços exclusivos para atendimento dos acadêmicos visando seu bem estar físico e psicológico.

Esta evasão é um aspecto por vezes negligenciado pelas instituições, que faltam profissionais capacitados para trabalhar com os alunos, profissionais que tenham um olhar diferenciado, que promovam uma escuta qualificada, que acolham esse aluno, ajudando-

o a encontrar saídas para seus problemas, pois a evasão é um problema que deveria ser visto pela instituição como um todo (BARDAGI e HUTZ, 2009).

Segundo Ogushi e Bardagi (2015), as demandas apresentadas que motivaram os jovens acadêmicos a desistirem dos cursos foram a complexidade didática, não se reconheciam na profissão, falta de ânimo, falta de informações pertinentes a profissão, mercado externo, decepção em relação à atuação de determinada profissão, questões financeiras e a perseverança mediante as possibilidades que poderiam almejar para as satisfações pessoais e/ou profissionais.

Nesse sentido, apoiando-se no argumento de que é dever da universidade promover o desenvolvimento integral de seus alunos, preparando-os para atuarem na sociedade de forma responsável e consciente, a instituição tem papel fundamental na promoção de um ambiente que possibilite maior confiança ao estudante, estimulando-o ao desenvolvimento e ao gerenciamento satisfatório dos inúmeros desafios com os quais se depara ao ingressar na vida universitária. Para que isso se concretize, é preciso que as instituições se organizem, estruturando políticas de atuação que garantam a implementação e a utilização efetiva de serviços de apoio ao estudante universitário, bem como de um ambiente acadêmico acolhedor. (OGUSHI e BARDAGI, 2015, p. 14).

Dentro desse cenário, a instituição atua com o jovem a partir de “intervenções de caráter preventivo”, assim sendo, buscam meios de satisfazer os mesmos mediante as demandas surgidas, como por exemplo, os obstáculos durante a vida acadêmica, a saída do jovem da instituição e inserir-se no campo profissional, dinamismo acadêmico etc., (OGUSHI e BARDAGI, 2015, p. 05).

Os estudos de Bardagi e Hutz (2009, p. 96) evidenciou que a maioria das pessoas que abandonaram os estudos universitários tem vontade de retomar os estudos, mas sentem medo desse retorno, medo de como seria esse regresso, pois “a decisão de saída parece uma resposta à falta, na universidade, de um ambiente receptivo aos problemas que surgem ao longo da formação”.

Para os mesmos autores, nesse sentido, é que a Reorientação Profissional – REO entra em campo, pois ela pode ser realizada para várias demandas, como por exemplo: reorientar um jovem que frequenta uma Universidade, porém se vê insatisfeito; reorientar um profissional que esteja atuando, podendo ser uma pessoa que está satisfeita com a sua função, mas que tem a intenção de mudar de área futuramente, ou também um sujeito que se vê desempregado.

A fim de explicar de forma mais didática o trabalho da Reorientação Profissional fez-se necessário aqui, trazer as diferenças e semelhanças dos serviços de orientação e reorientação profissional. O trabalho de REO tem semelhança com o serviço de

orientação profissional visto que ambos causam certa angústia e ansiedade no sujeito e envolvem um processo de escolha, o que difere um do outro é que a REO se trata de um trabalho com indivíduos que já realizaram a primeira escolha profissional e por algum motivo se deparam com a necessidade de fazer novas escolhas. Dessa forma “a proposta da REO é a de auxiliar na identificação de uma nova profissão ou de "clarear" sobre a escolha feita, confirmando-a, muitas vezes” (SOARES, 2000, p. 89).

Krawulski et al. (2000), corroborando com o parágrafo acima, explicam que além do trabalho de orientação existe o de REO, onde este trabalho também auxilia a questão da escolha, porém é desenvolvido com pessoas que já fizeram uma primeira escolha profissional. A proposta da REO é auxiliar na identificação de uma nova profissão ou clarear sobre a escolha feita. Nesse processo de REO, os autores afirmam que o público varia entre: estudantes que não estão satisfeito com o curso, para se certificarem da opção certa ou para se conhecer melhor, pois tem medo do mercado de trabalho; desempregados que buscam uma nova opção profissional, devido à crise econômica; indivíduos que não estão satisfeitos com a atual profissão; indivíduos que estão satisfeitos com sua profissão, mas que querem trocar de profissão ou adicionar outras habilidades à sua vida e aposentados que buscam uma nova colocação no mercado de trabalho pela necessidade de complementar os ganhos.

Deste modo, o papel da REO é auxiliar o re-orientando para que esse chegue a uma possível re-escolha satisfatória. A realização desse trabalho se dá através de técnicas específicas, que visam também compreender os motivos que levaram o sujeito a refazer sua escolha, esclarecendo onde está o descontentamento em relação à primeira opção (KRAWULSKI et al., 2000).

Diversos são os motivos que atravessam os indivíduos durante a vida profissional e/ou acadêmica, dentre eles estão: estudantes universitários desmotivados com o curso que estão fazendo, e muitas vezes procurando a REO para uma confirmação sobre a escolha realizada; estudantes com receio de não conseguir vaga no mercado de trabalho; desempregados, com intuito de clarear sobre qual a melhor área para buscar um novo emprego; indivíduos insatisfeitos com a atual profissão que na maioria das vezes por escolhida por conta da necessidade de trabalhar ou pelo salário; sujeitos que realizaram o projeto profissional dos pais e não o seu e anseiam por trabalhar com sua “verdadeira vocação”; entre outros (KRAWULSKI et al., 2000).

Muitos alunos tomam decisões sobre suas carreiras sem conhecimento suficiente sobre o curso escolhido ou a respeito do trabalho que irão começar

a desenvolver, desconectados das informações sobre o campo profissional e desconhecendo as características pessoais relacionadas com a sua escolha profissional. (BRASIL *et al.*, 2012, p. 2).

Para uma escolha madura é importante que se tenha uma capacidade de reflexão sobre todos os aspectos envolvidos. Segundo (Moura e Menezes, 2004 apud Neiva, 2002) a maturidade para escolha profissional é embasado em dois aspectos, sendo atitudes e conhecimentos, a primeira está relacionada à independência e responsabilidade para a escolha profissional, já a segunda diz respeito ao autoconhecimento e a da realidade ocupacional e das profissões.

Neste contexto, enquanto a demanda de OP vivencia a pressão interna e a ansiedade em relação ao vestibular, ou ao curso que deve escolher, nos casos de REO a pressão decorre de uma culpabilização e frustração devida ao sentimento de ter feito uma escolha errada, que muitas vezes vem cercada de inseguranças por ter que “começar de novo”. É comum que na REO nos deparemos com a pressa durante o processo, no sentido de buscar recuperar o tempo que foi perdido na profissão errada (grifo nosso).

Neste processo, portanto, o papel do re-orientador não se restringe apenas a auxiliar na readaptação aos novos cargos, mas, sobretudo, a trabalhar a estrutura psicológica requerida nesta mudança. Auxiliará também na identificação e desenvolvimento de outras capacidades pessoais para fazer frente às novas ocupações que surgirem, como criatividade, flexibilidade, desenvolvimento da conscientização do trabalho produtivo em equipe, bem como a busca de novos espaços, procurando ir além do convencional. (SOARES, 2000, p. 91).

Nesse sentido, o papel do re-orientador é promover caminhos que ajude nessa descoberta, e uma das modalidades de atendimento que tem se mostrado eficaz é a grupal. Essa é considerada a mais produtiva, pois possibilita que os participantes troquem experiências e se ajudem mutualmente, uma vez que se reconhecem na mesma situação. O contato grupo é fundamental no momento da re-escolha, porém essa só pode ser realizada depois de um movimento introspectivo do próprio sujeito, nesse momento é necessário que ele possa se conhecer melhor a fim de buscar e recordar quais foram os determinantes nas escolhas anteriores (SOARES, 2000).

O objetivo da REO além de auxiliar na busca pela identidade profissional, também preocupa-se em conscientizar todos os envolvidos a importância da satisfação profissional a fim de buscar uma melhoria da qualidade de vida (SOARES, 2000).

O re-orientador deve procurar contribuir na reflexão sobre o projeto de vida pessoal e profissional e, a partir de tal reflexão, na busca de novos caminhos,

auxiliar as pessoas a se darem conta de como lidam consigo, com as relações de trabalho e sociais, para então, se necessário, reestruturar tais relações, de um modo adequado para si e para a sociedade. É fundamental que, neste processo, os indivíduos construam "pontes" entre o mundo interno e externo, e aprendam a lidar com as possibilidades e limitações presentes em ambos. (KRAWULSKI et al., 2000, p. 90).

A vista disso muitas pessoas que passam pelo processo de Reorientação Profissional acabam trabalhando também os aspectos psicológicos que por diversos fatores foram se desestruturando. O papel do orientador não se restringe apenas a ajudar numa nova adaptação, mas sobretudo olhar para esse sujeito e trabalhar suas estruturas psíquicas afetadas pelas mudanças, proporcionando um desenvolvimento de novas capacidades, habilidades e singularidades que até então eram ocultas.

Dessa forma, Krawulski et al. (2000) comenta que o trabalho com Reorientação Profissional tem sido de grande importância no âmbito de dar um suporte para as pessoas que estão prestes a ingressar no mundo do trabalho, e para aquelas que já estão, ou por algum motivo buscam novas atividades para vida, além do conhecimento que proporciona aos que buscam pelo processo, os participantes são estimulados a refletirem também sobre suas transformações e conhecerem um pouco mais de si.

A proposta é de auxiliar na identificação de uma nova profissão ou de clarear sobre a escolha feita, confirmando-a, muitas vezes. O orientador auxiliará, através de técnicas específicas, para que o re-orientado chegue a uma possível re-escolha, podendo visualizar, inclusive, os motivos pelos quais precisa refazer sua escolha, localizando onde reside sua insatisfação com a primeira opção. (KRAWULSKI et al., 2000, p. 89).

Pensando que a OP e REO são realizadas por profissionais psicólogos qualificados, quando há situações de instabilidade, o objetivo do psicólogo é oferecer escuta, acolhimento e auxiliar o sujeito a encontrar-se profissionalmente. Nesse contexto de amparo profissional, uma das possibilidades é o psicólogo trabalhar dentro das Universidades com esses jovens, com a finalidade de ajudar essas pessoas a se sentirem mais confortáveis com sua escolha profissional, pois os universitários do período inicial e intermediário são os que mais sofrem com as dúvidas em relação ao futuro profissional, que mais precisam de subsídios e informações para esclarecer sua problemática vocacional (BADARGI; LASSANCE e PARADISO, 2003).

No decorrer desse processo de inserção no mundo universitário, dúvidas, angústias, frustrações e até reopção de curso, Bardagi et al. (2006), explicam que a inclusão em um curso superior é de extrema importância e considerada a principal forma

de possibilidade de integração no mercado de trabalho independente da cultura ou classe social. Contudo, muito se fala sobre a inserção no ensino superior, mas um tema pouco abordado, mas de grande importância é a satisfação no mercado de trabalho através do curso escolhido. Satisfação profissional, para os autores, é um conceito multifacetado e envolve aspectos pessoais, vocacionais e contextuais da realidade do trabalho.

A satisfação profissional não se trata apenas de uma realização após a Universidade, a satisfação profissional começa dentro da Universidade. Deste modo, a percepção dos alunos acerca do impacto que a universidade tem sobre seu desenvolvimento pessoal está relacionado a aspectos de relacionamentos pessoais, aprendizagem, crescimento pessoal, formação profissional, qualidade do curso e a qualidade da Universidade. Desse modo, um fator importante e que vem ganhando força nas pesquisas, está relacionado à satisfação dos alunos com a escolha profissional. Esse fator pode ser motivado com a possibilidade de inserção de atividades práticas durante o curso e dentro da universidade. Essa inserção em atividades acadêmicas pode ser associada a uma maior identidade profissional (BARDAGI et al., 2006).

Observaram que os alunos que tinham pelo menos uma atividade no curso eram mais satisfeitos do que aqueles que não possuíam atividades. Brooks, Cornelius, Greenfield e Joseph (1995) descrevem a importância da atividade de estágio como exercício do papel profissional e fortalecimento da relação com a carreira, além de facilitar o estabelecimento de metas profissionais realistas. Fior e Mercuri (2004) e Teixeira e Gomes (2004), ao avaliarem o impacto de atividades não-obrigatórias sobre a formação superior, descrevem resultados positivos destas atividades sobre as aprendizagens, o desenvolvimento vocacional e o desenvolvimento pessoal, desde que relacionadas à área de formação. (BARDAGI et al, 2006, p. 70).

Há uma confusão entre a profissão escolhida e as características do curso e do mercado de trabalho, onde o descontentamento com as condições do ensino e da inserção profissional reflete para um descontentamento com a profissão. Dessa forma, o trajeto do curso é um importante aspecto do desenvolvimento vocacional de universitários e pode colaborar para a satisfação profissional dos mesmos (BARDAGI et al., 2006).

No período final da formação, contexto de análise deste trabalho, o sentimento de responsabilidade dos alunos aumenta e predominam os sinais de impotência e a sensação de pouco saber para enfrentar o mundo do trabalho, conforme apontado por Melo-Silva & Reis (1997), ao descreverem uma experiência com estudantes de último ano do curso de Psicologia. Com isso, os questionamentos costumam refletir o grande medo de sair da faculdade, perder os vínculos estabelecidos e, assim, os alunos costumam se sentir sozinhos, isolados, incapazes de fazer a transição entre ser estudante e ser profissional. (BARDAGI et al, 2006, p.71).

No final do curso, os universitários se sentem muito inseguros e necessitam de auxílio para a inserção no mercado de trabalho. Dessa forma, o período universitário caracteriza-se em uma etapa exploratória, no qual o jovem busca sua identidade, e para parte dos estudantes, a conclusão do curso superior, pode ser considerada uma reedição da crise vocacional da adolescência. A satisfação profissional advém de uma série de fatores, que juntos dão a possibilidade da realização profissional. Esses fatores não envolvem apenas a Universidade, mas também contextos sociais, econômicos e principalmente a identificação com o curso escolhido (BARAGI et al., 2006).

A fim de compreender como esses elementos podem estar relacionados com a insatisfação dos estudantes universitários, Souza e Reinert (2009) ressaltam de modo geral que são por parte da grade curricular (referente a aulas práticas), características do curso, professores (instrução e metodologia), infraestrutura, ambiente social. Mas há também particularidades de cada aluno, pois alguns têm bloqueio em estudar só, reside longe da instituição, indisponibilidade por parte do docente e/ou tutor, falta de aulas e a falta da relação com demais alunos do curso.

Segundo Souza e Reinert (2009) frisam que a insatisfação por parte dos alunos é também devido as matérias vistas como irrelevante e sem o propósito da parte prática, pois alguns docentes e docentes substitutos demonstram insegurança na parte didática ao aluno. Consequentemente, resulta na troca de curso e/ou desistência, tanto por parte dos cursos presenciais quanto a distância.

Conforme Souza e Reinert (2009) afirmam que a satisfação e insatisfação dos estudantes universitários haverá imensas divergências, pois cada aluno terá o discernimento referente ao curso, o período e a instituição que escolheu. E que se tratando de fenômenos humanos e sociais haverá diferentes avaliações em distintas épocas. Corroborando com essa ideia, Dias e Soares (2012, p. 02) atestam que há “a necessidade de intervenção específica para o público universitário”.

Nessas satisfações e insatisfações no contexto universitário e em conjunção ao processo de orientação profissional, não é só atentar-se as questões pessoais dos universitários, mas também aos fatores internos/externos da universidade, ou seja, os projetos institucionais, pois “talvez tenha havido um processo de exploração vocacional pobre no momento da escolha e mesmo durante o curso” e a atual realidade contemporânea do mercado de trabalho (BARDAGI, LASSANCE & PARADISO, 2003, p. 10).

Campos e Sehnem (2015) apontam a necessidade do apoio da Universidade a esses acadêmicos a procurarem pela reorientação profissional, pois não só iriam diminuir o fluxo de mudanças de cursos, quanto também, colaborarem com o desenvolvimento acadêmico e profissional dos mesmos.

A ideia é integrar-se no movimento contingente dos universitários que necessitam da compreensão de “fatores pessoais, recursos e apoios, incluindo o apoio social, e estratégias possíveis ou dominadas pela pessoa” e é a partir destes contextos que cabe ao profissional de orientação profissional explorar a questão da escolha do indivíduo e as perspectivas em relação ao amanhã (DIAS e SOARES, 2012, p. 03).

Conclui-se que em cada momento da vida do indivíduo haverá angústias, indecisões, satisfações e/ou insatisfações mediante ao contexto universitário e que isto interfere no processo de orientação profissional, independente se este estiver no início da vida acadêmica ou na trajetória final. Caberá ao profissional acolher, olhar o sujeito enquanto totalidade, expandir o olhar do mesmo diante do cenário da globalização do qual estamos vivendo, e conseqüentemente, mediar e mostrar as imensas possibilidades de escolha, mas que somente cabe ao indivíduo a sua tomada de decisão, ou seja, a busca da nova identidade vocacional (CAMPOS e SEHNEM, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista dos argumentos apresentados percebe-se que, a transição do ensino médio para a Universidade é um momento em que o adolescente se encontra com muitas divergências de ideias e por ser um processo rápido e cheio de pressão, muitas vezes o adolescente sente-se angustiado ao escolher uma profissão.

Isso acaba fazendo com que o mesmo ingresse na Universidade a partir de influências familiares, de amigos ou até mesmo escolhendo qualquer profissão que acredita se identificar. A partir do ingresso na Universidade, alguns alunos podem até se reconhecerem na profissão, porém outros não, o que acabam ocasionando um conflito interno nos mesmos refletindo para um descontentamento ou até mesmo um abandono do curso.

Compreendendo isso, a Orientação Profissional é responsável por auxiliar o aluno que busca ingressar em uma Universidade, proporcionando-lhe conhecer a si mesmo a fim de que escolha uma profissão de forma consciente. Já com relação a Reorientação Profissional, esta pode ser utilizada em vários momentos, desde a reorientação de um

ingresso insatisfatório na Universidade ou até mesmo alguém que se encontra desempregado.

A Reorientação Profissional tem por finalidade trabalhar com sujeitos que já tiveram a primeira opção profissional, isto é, reorientá-los em sua vida profissional por alguma necessidade de uma nova escolha. Isso não exclui a possibilidade de que a Orientação Profissional seja realizada em adultos.

Portanto, conclui-se que, faz-se necessário que a Universidade contribua de forma positiva para com os alunos através de um profissional que possa atender as necessidades visando à escolha profissional, visto que o período universitário é um momento em que surgem muitas dúvidas e receios em relação ao futuro profissional.

O suporte de profissional é imprescindível para que o ingressante tenha satisfação pela profissão escolhida, visto que isso o motiva durante o curso possibilitando que o mesmo tenha a sua identidade profissional estabelecida.

Nesse sentido, é um tema que é válido ser abordado por vários motivos, entre eles, pela insatisfação da escolha profissional realizada, pela insegurança de ter que escolher um novo curso e pela necessidade de auxílio profissional e do autoconhecimento através da orientação, a fim de que seja feita uma escolha mais madura e consciente.

Convém ressaltar que as pesquisas sobre nos moldes pressupostos neste estudo são as barreiras científicas escassas no Brasil, conforme os autores mencionados. A Orientação Profissional e a Reorientação Profissional ainda são modalidades que nem todas as instituições educacionais de ensino superior deste país ofertam aos seus alunos.

Sob tal complexidade, constata-se que um pequeno número de Universidades que ofertam tal modalidade apontam que não há adesão por parte dos universitários. Pode-se inferir que esta falta advém do desconhecimento da prestação destes serviços, poucos profissionais da área da Psicologia contratados para acolher estas angústias para assim promover a tomada de consciência por parte dos acadêmicos e de forma concisa, a falta de um local apropriado na Universidade para o desenvolvimento não só destas atividades que podem ser individuais quanto também grupais.

É importante ressaltar, que Universidades públicas e/ou privadas, que tem o curso de Psicologia, deveriam oferecer orientação profissional por meio de atividades de extensão universitária aos alunos dos demais cursos. Sem dúvida que seria um diferencial na formação do futuro psicólogo, poder aprender a metodologia, técnicas e até mesmo as aplicações de testes psicológicos pertinentes a Orientação Profissional e a Reorientação Profissional.

Espera-se através deste estudo contribuir, em termos práticos não só para os psicólogos, mas também para as instituições educacionais de ensino superior deste país que poderão futuramente dispor em suas Universidades profissionais que atuam com a Orientação Profissional e a Reorientação Profissional no contexto universitário proporcionando uma experiência diferente da qual o aluno jamais pudesse vivenciar na vida acadêmica. E que surgissem possíveis solicitações de ajuda sobre em qual carreira profissional o aluno deverá re-escolher no ensino superior, saberá que sua instituição o acolherá e poderá ressignificar este momento.

Recomenda-se este estudo a todos aqueles que acreditem na ciência e na pesquisa científica, pois deveriam existir em todas as instituições educacionais de ensino superior deste país mais investimentos, pois uma Universidade que tem um espaço para o desenvolvimento de novos projetos e futuros materiais de pesquisa científica poderá complementar e alimentar constantemente a área de estudo de Orientação Profissional e a Reorientação Profissional que tem escassez no Brasil.

Em face ao exposto nas conclusões, ajudar outros pesquisadores e consequentemente alunos do contexto universitário, para assim, proporcionar mudança social e servir como possibilidade para ajudar o desenvolvimento da sociedade, mas também, à aqueles sujeitos que buscam encontrar-se em seus sonhos e os desenvolvê-los em sua prática profissional diariamente e que possam narrar que durante sua vida universitária, o processo de Orientação Profissional e a Reorientação Profissional o assegurou fazer a escolha que tanto um dia almejou.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. G. E. M.; PINHO, V. L. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v.20, n.02, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n2/a13v20n2>> Acesso em: 03 out. 2022.
- BADARGI, P. M.; LASSANCE, P. C. M; PARADISO, C. A. Trajetória acadêmica e satisfação com a escolha profissional de universitários em meio de curso. **Rev. Bras. Orientac**, v. 04, n. 01, dez. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100013>. Acesso em: 03 out. 2022.
- BARDAGI, M. et al. Escolha Profissional e Inserção no Mercado de Trabalho: Percepções de Estudantes Formandos. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**. Paraná, v. 10, n. 1, p. 69-82. Jan/jun 2006.
- BARDAGI, P. M.; HUTZ, S. C. “Não havia outra saída”: percepções de alunos evadidos sobre ao abandono do curso superior. **Psico-USF (Impr:)**, v.14, n.01, jan/abril. 2009.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712009000100010>. Acesso em: 03 out. 2022.

BASSO, C. Universitários questionando a sua escolha profissional. In BASSO, C. **Escolha Profissional: estudantes universitários em crise durante as fases intermediárias da formação acadêmica**. 2008. 99 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<https://instserop.files.wordpress.com/2012/07/dissertac3a7c3a3o-de-mestrado-clc3a1udiadoc1.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2022.

BRASIL, V. et al. **Orientação profissional e planejamento de carreira para universitários**, 2012. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Cadernos_Academicos/article/view/1213/%22/%22>. Acesso em: 03 out. 2022.

CAMPOS, C. A.; SEHNEM, S. B. “Não era aquilo que eu queria...”: um estudo com universitários que vivenciaram a re-escolha de curso, 2015. Disponível em: <https://editora.unoesc.edu.br/index.php/pp_ae/article/view/8894/4952>. Acesso em: 03 out. 2022.

COMIM, D. U. Toda a reescolha profissional requer uma mudança profissional. **Revista de Iniciação Científica**, Criciúma, v. 5, n. 1, p. 1-8, 2007. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/iniciacaocientifica/article/view/165/170>>. Acesso em: 03 out. 2022.

COSTA, J. M. Orientação profissional: outro olhar. **Psicologia USP**, v.18, n.04, out/dez. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772007000400005>. Acesso em: 03 out. 2022.

KRAWULSKI, E. et al. Re-orientação profissional, orientação e o processo de escolha: notas sobre experiências vividas. **Revista de ciências humanas**, Florianópolis, n. 28, out. 2000.

MOURA; C. B.; MENEZES, M. V. Mudando de opinião: análise de um grupo de pessoas em condição de re-escolha profissional – **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 05, n. 01, p. 29-45, 2004.

OGUSHI, M. M. P.; BARDAGI, M. P. **Reflexões sobre a relação estudante-universidade a partir de uma experiência de atendimento em orientação profissional**, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2015v12n19p33>>. Acesso em: 03 out. 2022.

PERUSSI, A. Profissão, vocação e medicina. **Política e Trabalho** 16, p. 73-84, set. 2000. Disponível em: <<http://www.biblionline.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6460/4036/%22/%22>>. Acesso em: 03 out. 2022.

SOARES-LUCCHIARI, D. H. A re-orientação profissional apoio em época de crise. **Rev. ABOP**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, não paginado, jun. 1997. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-88891997000100007#txt02>. Acesso em: 03 out. 2022.

SOUZA, S. A; REINERT, J. N. **Avaliação de um curso de ensino superior através da satisfação/insatisfação discente**, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ava/v15n1/v15n1a09.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2022.

TEIXEIRA. P.A.M; DIAS. G. C.A. et al. **Psicologia Escola e Educação: Adaptação à Universidade em Jovens Calouros**. Psicologia Escola e Educação: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campinas, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v12n1/v12n1a13.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2022.

VALORE, A. L. A problemática da escolha profissional: a possibilidades e compromissos da ação psicológica. **SciELOBooks**, 2008. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/hn3q6/pdf/silveira-9788599662885-07.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2022.

ZAVAREZE, T. E. O papel da orientação profissional na escolha profissional do adolescente. **Psicologia: o portal dos psicólogos**, Florianópolis, p. 1-9, set. 2009. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0446.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2022.

ZORZO, M. C.; SILVA, D. L.; POLENZ, T. **Buscando a permanência do aluno na universidade: reopção de curso**. In: IV Seminário de Pesquisa em Educação Região Sul na Contracorrente da Universidade Operacional, Florianópolis: UFSC, v. 1, n. 10, 2002.

IMPLICACIONES DE LOS ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS EN LA ELECCIÓN PROFESIONAL: EL PAPEL DE LAS INSTITUCIONES EN LA ENSEÑANZA SUPERIOR

Resumen: Ese artículo es una revisión bibliográfica en que se utilizó de varios autores comprendidos por la Orientación Profesional (OP) y la Re-orientación Profesional (REO) para entender las cuestiones que demandan la necesidad de un proceso de reorientación profesional en el contexto universitario, las contribuciones del soporte institucional y del profesional de psicología. Se trata de un estudio que busca discutir cuales factores están relacionados a la satisfacción e insatisfacción del estudiante universitario en relación al curso escogido y los motivos que le hizo optar por la transferencia de curso. Ese estudio se estructura a través de la explicación sobre el papel del profesional de psicología dentro de la institución donde pueda acoger, escuchar y levantar las intervenciones necesarias para cada demanda específica, trabajo éste en concordancia con la institución. Busca una reflexión acerca del proceso de re-orientación profesional percibida por el profesional de la psicología a fin de encaminar y proporcionar al estudiante universitario la mejor forma posible de proceso de re-orientación profesional. Se concluye que es fundamental que las instituciones de enseñanza superior se atenten hacia la importancia del apoyo y la acogida a sus alumnos para que estos sepan manejar el impacto que la universidad tiene sobre su desarrollo personal y emocional en lo que se refiere a la elección de su profesión, facilitando el desarrollo de la identidad profesional. La universidad debe servir de campo de realización personal de los estudiantes universitarios con su futura profesión, y para ello, además de auxiliar a sus alumnos en la inserción del mercado de trabajo, deben mantener los vínculos de éstos con la institución.

Palabras clave: Re-orientación profesional; Estudiantes universitarios; Satisfacción/insatisfacción; Identidad profesional; Realización personal.